

PUXANDO O FIO DA LEMBRANÇA: A CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA NO ENCONTRO COM O OUTRO

PULLING THE WIRE OF MEMORIES: THE CONSTRUCTION OF MEMORY IN MEETING WITH ANOTHER

Alice Carvalho de Melo

Mestranda em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

meloalice1@gmail.com

RESUMO

O objetivo deste artigo é refletir sobre o processo de construção da memória e da identidade durante a entrevista jornalística. Parte-se de conversas com dois octogenários sobre um episódio de violência vivenciado por eles durante a infância e chega-se ao presente, quando, por meio da linguagem, elaboram o passado diante de si e do entrevistador. Neste percurso da memória, o silêncio e o esquecimento são informações importantes para se compreender a forma como eles constroem sua identidade ao narrar sua trajetória; assim como a escolha dos pronomes pessoais e a seleção de determinadas palavras para se referir a si. Apesar do passado comum, os fatos narrados se distinguem e se complementam, reforçando a ideia de que a memória é um fenômeno permeado por disputas e que se constrói no presente.

Palavras-chave: Memória. Narrativa. Identidade. Comunicação.

ABSTRACT

The objective of this paper is to discuss the process of construction of memory and identity during the journalistic interview. From the conversations with two octogenarians person about an episode of violence that they experienced during them childhood, reaching the present days, when, through language, they elaborate the past facing them and the interviewer. In this journey of memory, silence and oblivion are important information to understand how they construct their identity to narrate their own history; well as the choice of personal pronouns and the selection of certain words to refer to themselves. Despite the common past, the narrated facts differ and complement each other, reinforcing the idea, that memory is a phenomenon permeated by disputes that are constructed in the present.

Key-words: Memory. Narrative. Identity. Communication.

Na primeira vez que encontrei seu Aloísio Silva, ele estava caminhando pela praça: olhar sério, cabisbaixo, corpo esguio, chapéu de feltro. O reconheci imediatamente – já havia visto fotografias em algumas reportagens jornalísticas que consultei anteriormente, durante a apuração de minha própria matéria sobre o episódio em que ele foi protagonista¹. Pedi para o fotógrafo estacionar o carro próximo ao informante e o cumprimentei em seu passeio despreocupado na manhã daquele sábado².

A princípio, não me deu confiança. Identifiquei-me, anunciei que havia marcado uma entrevista com ele por intermédio de seu filho mais velho, na semana anterior. “É para eu falar sobre aquela história? Mas tudo o que eu sei eu já disse para o professor Sidney.” Insisti e o acompanhei até o armazém da família, conversando sobre amenidades, dizendo que saímos do Rio de Janeiro para encontrar com ele – seu Aloísio mora em Campina do Monte Alegre, cidade do interior paulista, que fica a 180 km de Campinas. Durante a caminhada, não disse nada que o remetesse à infância – tópico principal de nossa entrevista. As horas foram passando e ganhei sua simpatia, principalmente depois que seu filho apareceu e confidenciou ao pai que éramos “gente de bem”.

Não faz muito tempo que seu Aloísio foi submetido a uma entrevista que considerou invasiva, concedida a uma emissora de TV local. Depois disso, passou a ser avesso a repórteres, assim como os demais moradores idosos da região. Montamos o cenário para a conversa, escolhemos o quintal de sua casa. Eu e o cinegrafista pedimos para que sentasse em uma cadeira e avisamos que só começaríamos depois que ele estivesse confortável. Aparentemente, as câmeras não o incomodaram. Utilizamos microfone de lapela e eu me sentei à sua frente, apenas com um papel e uma caneta. Comecei a entrevista pelo fim, ou seja, pelo presente:

“Me conta, seu Aloísio, ouvi dizer que o senhor vai aos bailes da terceira idade todo domingo, como é lá? O senhor dança?”

A estratégia adotada – de começar as perguntas pelo presente, também utilizadas nas demais entrevistas de história de vida realizadas durante a apuração da reportagem em que estive envolvida – foi para fazer com que o entrevistado se sentisse confortável com a conversa, para que não parecesse um interrogatório. Fazendo questão de mostrar que estávamos preocupados com o que ele dizia aqui e agora, sobre sua relação com o passado a partir do presente; e não com seu pensamento passado a respeito do episódio a ser narrado.

Narrar a própria vida não é algo natural, observou Michel Pollak, nos idos dos anos 1980, em *Memória e identidade social*. Principalmente quando não se está em uma “situação social de justificação ou de uma construção de você próprio, como é o caso de um artista ou um

político” (1992, p.13). É verdade que, de vinte anos para cá, o mundo sofreu mudanças fundamentais que afetaram a construção de identidade do homem pós-moderno, principalmente diante do *boom* da memória – como já definiu Andreas Huyssen (2000) com relação à pulsante vontade tanto individual quanto social de armazenar, lembrar e consumir o que se armazena e o que se lembra. E falar sobre a própria vida se tornou algo desejável em alguma medida. A espetacularização do *eu* nas redes sociais e a proliferação de biografias dos mais variados tipos no mercado editorial são apenas alguns dos exemplos que ilustram esse imperativo à volta ao passado como tentativa de frear a aceleração da percepção do tempo presente.

Mas o encontro entre entrevistador e entrevistado, apesar das mudanças ao longo das décadas, permanece desconfortável e estranho. Difícil conseguir fazer com que o sujeito fale sobre sua própria vida de uma forma espontânea, evitando o discurso cristalizado de quem já sabe o que quer dizer sobre si mesmo diante do outro. Ou, se ainda não sabe, passa tomar conhecimento dessa condição durante a construção de uma visão do *eu*, de uma identidade de si mesmo, no ato de evocação da memória durante a entrevista. Neste processo de solidificação do *eu* através da seleção da memória, o entrevistador ou o ouvinte de qualquer natureza tem papel importante, já que de alguma maneira atua no desencadeamento de correntes de pensamento que levam à lembrança do ocorrido. Seja por meio de perguntas – com este objetivo ou não –, seja pelo simples fato de estar presente no momento em que o outro recupera frações de si mesmo.

O ouvinte pode tanto ser um amigo ou um conhecido, como um jornalista, psicólogo ou historiador. Certamente, o conteúdo narrado após o trabalho de construção da memória durante o encontro entre o *eu* e o *outro* será diferente. Porque entram em cena novos elementos que desencadeiam correntes de pensamento ligadas à lembrança do ocorrido. Maurice Halbwachs (2000), na década de 1920, já indicava que a memória é uma construção coletiva: mesmo a mais individual das lembranças, se ancora em *quadros sociais*, que podem ser de múltiplas naturezas. Uma pessoa, um lugar, uma música, um cheiro, uma imagem.

O episódio que estava sendo objeto da apuração da reportagem e que motivou o encontro com *seu* Aloísio se passou no interior de São Paulo, entre 1933 e 1945, quando 50 meninos órfãos, com idade entre 9 e 11 anos foram retirados legalmente de um orfanato no Rio de Janeiro e enviados para uma fazenda, onde foram submetidos à situação análoga à escravidão. As crianças permaneceram no local sob vigilância e ameaças de castigos físicos, trabalhando cerca de 10 horas por dia, sem receber salário ou frequentar a escola (com exceção do primeiro ano na região, quando cursaram a quarta série).

Aloísio Silva e Argemiro Santos, ambos entrevistados pela reportagem e cujos depoimentos estão presentes neste trabalho, são as últimas testemunhas dessa história. São exemplos de como a memória é dinâmica, seletiva, fluida; que se constrói no presente, numa relação íntima entre passado e futuro, diretamente relacionada à noção de identidade e continuidade na duração do tempo.

MEMÓRIA E A NARRATIVA SOBRE SI MESMO

Seu Aloísio Silva não se coloca em primeira pessoa do singular quando evoca o passado. Nos últimos dez anos, ele foi entrevistado inúmeras vezes e é principal testemunha do episódio que se passou nas fazendas da família Rocha Miranda, entre 1933 e 1945. Foi exaustivamente interpelado para que lembrasse com detalhes informações concretas da história de um grupo. Informações capazes de ajudar tanto em reportagens pontuais sobre o tema como em pesquisa acadêmica. Nestas ocasiões, pouco ou nada importava aos ouvintes acerca da maneira como seu Aloísio lidava com o passado. O que era necessário era obter informações precisas.

Quando utilizados como fonte de pesquisa histórica, os depoimentos orais precisam ser entendidos não como provas definitivas sobre o que ocorreu, mas como uma versão construída no presente sobre uma situação vivida diante de uma outra pessoa com quem se conversa ou para quem pretende passar uma imagem (ou identidade) de si mesmo - já que mesmo o mais detalhado depoimento ou registro documental com maior número de fontes não passa de uma impressão sobre um acontecimento que não existe mais. Grande parte da bibliografia sobre memória indica que o fenômeno constituído de disputas entre lembrar e esquecer está sujeito às mudanças subjetivas do indivíduo no momento da recordação.

As lembranças extraídas nas entrevistas anteriores com seu Aloísio, no entanto, tanto a jornalistas, quanto ao próprio pesquisador que o usou como fonte principal de sua tese de doutorado, tinha mais relação com o que se queria ouvir do que com o que se queria lembrar. A expectativa destes primeiros entrevistadores em relação a suas respostas interferiu em larga escala na maneira como Aloísio revisita o passado hoje e se constitui enquanto narrador não apenas da história do grupo, mas de sua própria história – as quais são indissociáveis uma da outra. E isso pode ser percebido em vários momentos de suas entrevistas, mas tomarei como base a que eu realizei com ele, em novembro de 2012, tentando compará-la, quando possível, à entrevista realizada no mesmo mês com a outra testemunha ainda viva do episódio - Argemiro Santos, que fugiu da fazenda ainda adolescente.

Três aspectos são fundamentais para a reflexão sobre a construção da memória durante a entrevista: a escolha dos pronomes pessoais na condução da narrativa para lidar com determinados aspectos do passado; a cristalização de determinadas lembranças; e a incorporação ao discurso dele de termos que, a princípio, não figuravam em seu vocabulário - como “escravidão” que após ter sido muito citada pelos entrevistadores, passou a representar uma identidade atribuída a um *eu* reelaborado.

Do que diz respeito à opção linguística feita pelos entrevistados durante a entrevista, observa-se que a escolha dos pronomes pessoais explica muito a maneira por meio da qual elas se posicionam no mundo, constroem sua identidade no presente e, sobretudo, tecem a colcha de retalhos que constitui sua memória. Notar o processo inconsciente de narrar os acontecimentos em primeira, segunda ou até terceira pessoa, é fundamental para entender como os entrevistados lidam com a violência sofrida no passado e qual a forma encontrada por eles de elaborar esta experiência. Trabalho feito e refeito não apenas ao longo da trajetória de suas vidas, mas também no ato da entrevista. É a construção da identidade de si mesmos diante de mim - a entrevistadora - e, sobretudo, diante deles próprios - sujeitos de sua história e personagens de um episódio sob investigação da reportagem.

Michael Pollak (1992) observa que o predomínio de “nós” ou “a gente” em entrevistas com pessoas que viveram momentos duros à época da Segunda Guerra Mundial em muito tinha a ver com o sentimento de distanciamento e impotência dos narradores ao trazer determinadas lembranças ao presente e confidenciá-las ao ouvinte. A impessoalidade aumenta mais ainda na medida em que a primeira pessoa é trocada pela segunda, ou mesmo pela terceira: quando se troca o “nós” por “você”, ou por “eles”, o narrador se distancia ainda mais da posição de sujeito do acontecimento, criando um subgrupo dentro do grupo ou um personagem à parte dentro da história. Seria uma forma de lidar com a lembrança dolorosa. “O predomínio de determinados pronomes pessoais no conjunto de um relato de vida seria uma medida ou um indicador do grau de segurança interna da pessoa”. (POLLAK, 1992. p.15)

Émile Benveniste (1997) também analisa a seleção dos pronomes pessoais no ato de enunciação do discurso: a escolha de alguns em detrimento de outros dá exemplo de como o falante se constitui enquanto sujeito. Este seria o primeiro ponto de apoio para perceber a subjetividade presente na linguagem. O sujeito, segundo ele, se faz presente no mundo ao se comunicar e se comunica escolhendo (conscientemente ou não) algumas palavras em detrimento de outras, para expressar melhor não só o conteúdo do que é dito, mas também o seu lugar de fala: “É na e por meio da linguagem a maneira como o homem se constrói enquanto sujeito. Porque somente a linguagem fundamenta, em sua realidade, que é a do ser, o conceito de ‘ego’” (1997, p.180).

Na entrevista concedida a mim, Aloísio não se assume enquanto sujeito ativo da história. Quem assume a voz da entrevista majoritariamente é o “nós” ou “a gente”. A presença de “nós” no depoimento reforça a coletividade do protagonismo da situação vivida – já que muitas vezes foi convocado para tecer a memória do grupo do qual era o único sobrevivente – e também a situação de impotência diante dos acontecimentos. Quando perguntei a ele sobre o que se lembrava do dia em que foi levado do orfanato no Rio de Janeiro, respondeu:

Ele recuou nós tudo num canto do quintal da gente brincar, que lá era bola, bicicleta, patinete... Outros faziam casinha para passarinho, isso e aquilo, era tudo. Aí ele mandou recolher nós, botou nós num canto, tudo empilhado ali. Então naquilo tinha um passador de nós dormir no alojamento, que a gente chama de passadiço, né? Eles ficava lá em cima com um saco de bala desse tamanho e lá de cima o major, Osvaldo Rocha Miranda, pegava e jogava um punhado de bala. E nós ia catar, que nem galinha cantando milho. Nós não sabia de nada³.

O modo de se colocar com relação ao passado vai de um extremo a outro quando pergunto se ele lembra de um momento alegre ou triste do período em que morava na fazenda. Ele responde: “Isso que vocês estão falando aí... Nem triste nem alegre. Para mim, aquele lugar não existe”. Quando trazido para o presente e inquirido diretamente sobre seus sentimentos com relação à situação passada, ou seja, quando é explicitamente pedido que se coloque novamente naquele lugar, Aloísio se afasta do da fonte do trauma. Escolhe o “eu” como narrador e nega a existência daquele espaço enquanto constituinte de seu passado e, portanto, de seu presente. Os anos vividos na fazenda não apenas não pertencem mais à identidade construída em torno de si atualmente como precisam ser negados e silenciados na intenção de que sejam esquecidos. Mas, para o ouvinte atento, é o inverso que se expõe: quanto mais o esforço para apagar uma lembrança pulsante, maior a evidência de que ela ainda possui enorme importância na constituição da identidade daquele sujeito.

Em *A memória coletiva* (2010), Maurice Halbwachs argumenta que toda memória, mesmo a mais individual delas, é um fenômeno coletivo. Construída a partir de referências do presente, de estímulos externos, mesmo durante o sonho, a lembrança móvel e fluida e é percebida, tanto no instante do acontecimento, quanto no ato de reconstruí-lo posteriormente. Baseado na ideia de que o indivíduo é um ser social, ele indica que a percepção do mundo pelo sujeito é interposta por correntes de pensamento construídas coletivamente. O sujeito está inserido em um grupo e é nesta coletividade que ergue filtros por meio dos quais ele enxerga e percebe o mundo. Quando ativadas, estas correntes levam por associações de ideias o sujeito a acontecimentos passados que podem ter sido vividos por ele diretamente ou, como prefere chamar Pollak (1992), “por tabela”. A memória é fenômeno construído socialmente, constituído de disputas. E “o que a memória individual grava, recalca, exclui, relembra, é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização” (1992: p.5).

Espaços físicos, segundo Halbwachs, também são quadros sociais de memória, que podem desencadear lembranças interpretadas não apenas de acordo com uma lógica social passada, mas também reativadas e reinterpretadas segundo o contexto com o qual o indivíduo dialoga no presente. É a rua em que se morava quando criança, ou a escola que se estudou outrora. Quando o sujeito revisita estes espaços de que se lembrava com detalhes, percebe as transformações não só impostas pelas intempéries ao longo dos anos, mas também as adquiridas no curso da vida.

Quando seu Aloísio afirma a não existência “desse lugar” chamado Fazenda Santa Albertina, repudia sua condição de vítima e se afasta das correntes dolorosas de pensamento às quais se vê novamente submetido. O afastamento é tamanho que, quando perguntado sobre o fato de se sentir ou não injustiçado, a resposta é positiva: para ele, se tivesse permanecido no Rio de Janeiro, teria tido a chance de conhecer sua mãe. O rancor elaborado *a posteriori* obedece a uma lógica também de reação aos tempos de exploração, mas é uma lógica dentro de um contexto de possíveis.

O trabalho não remunerado era comum naquela região. Campina do Monte Alegre nasceu cercada por fazendas que subempregavam não apenas os órfãos de que falamos, mas os demais funcionários entre a década de 1930 e 1970⁴. Era comum, por exemplo, a utilização de vales de papel que contavam como dinheiro na venda local. Durante a apuração da reportagem, entrevistei cerca de 10 pessoas com idade superior a 70 anos residentes no município. Nenhum recebeu salário quando jovem, mas quase sempre faziam questão de afirmar que “nunca precisaram de nada”.

A reelaboração do contexto passado por seu Aloísio se construiu no momento presente: a exploração da mão de obra infantil não parece ser uma questão relevante, digna de revolta dentro do contexto social em que ele está inserido. Mas o afastamento compulsório da cidade natal e da possibilidade de um dia ser procurado pela mãe, em sua avaliação, são fatores plausíveis que o permitem manifestar revolta e raiva com relação aos antigos patrões. Memória e identidade, como mesmo diria Pollak, são “valores disputados em conflitos sociais e intergrupais” (1992: p.5), cabendo especificamente à memória o trabalho de construção de um sentido de coerência, unidade e continuidade no sujeito.

Em *Memória, esquecimento e silêncio*, texto que aborda as tensões presentes no fenômeno da memória, Pollak observa que, ao contar uma história de vida, o sujeito tenta estabelecer uma coerência por meio de laços entre acontecimentos que considera hoje importantes sobre si mesmo e uma lógica cronológica. Em entrevistas de história de vida com

peessoas que passaram por traumas e rupturas, haveria uma dificuldade maior em dar coerência às lembranças que vêm à tona no momento em que fala sobre o passado: se impõe sobre o encontro momentos de silêncio e terrenos permeados pelo “não-dito”. Nesse exercício, o indivíduo “tende a definir seu lugar social e suas relações com os outros” (1989, p.14). Para o autor, as dificuldades e bloqueios que surgem durante este tipo de entrevista raramente resultam de brancos na memória ou esquecimentos de fato: o silêncio sobre si mesmo pode ser uma condição necessária para a manutenção da comunicação do indivíduo com o mundo externo.

O fenômeno observado pelo historiador não apenas ocorreu durante a entrevista com seu Aloísio, tendo como exemplo máximo a negação da existência “daquele lugar”, como também se fez muito presente na conversa que tive com Argemiro Santos.

Seu Argemiro tem 89 anos e também fez parte do grupo de 50 órfãos levados do Rio de Janeiro para a Fazenda Santa Albertina. Mora em Foz do Iguaçu e lida com o passado de maneira diferente: foi só em 2012 que rompeu um silêncio de mais de 70 anos e falou sobre o período em que viveu no interior de São Paulo. Nem a esposa com quem está casado há 61 anos sabiam algo sobre sua infância. Argemiro fugiu da fazenda aos 14 anos. Virou mendigo em São Paulo, foi engraxate, ingressou na Marinha durante a Segunda Guerra Mundial. Ao regressar, foi jogador de futebol, boxeador, músico. Usou o sofrimento como força motriz da vida e encobriu memórias do período.

Quando o entrevistei, logo me disse: “Vamos ver se me lembro, isso tem muito tempo”. A conversa, que durou mais de duas horas, foi permeada por silêncios e “não-ditos”. Sempre que começava a falar da infância, pulava para o dia que conseguiu “cair fora desse lugar”. As lembranças sobre a época em que esteve na Marinha, ou mesmo de quando morava nas ruas de Sorocaba ou de São Paulo, eram mais fáceis de serem trazidas à tona.

Não se lembrou durante a entrevista do nome ou do rosto de quem vivia na fazenda – coisa que seu Aloísio sabe de cor: nome, sobrenome, cor da pele da maioria dos 50 meninos. Argemiro recorda do serviço no campo, do boi de quem cuidava, “tal de Sereno, que era meu amigo”⁵. Opta por utilizar a linguagem em terceira pessoa: fala sobre “eles”, os meninos e, quando tentar dar um exemplo do que fazia, opta por “você” (“você cuidava de quê? De porco, boi, carneiro...”).

Quanto ao afastamento daquele que conta no presente a situação desconfortável da qual não se orgulha de ter feito parte e, no ato de narrar os acontecimentos, precisa manter distância do *eu* que já não é mais – *eu* vitimizado, em situação de vergonha e impotência para o velho Marujo, reservista, boxeador – ele fala: “Tem muitos deles de sofreram, muitos deles

que morreram, muitos deles que ficaram loucos... Porque foram atrás de papo”. Outra situação muito curiosa vem a reforçar o repúdio à condição de vítima, mas, desta vez, narrada em primeira pessoa do singular que, abruptamente, sofre uma interrupção e entra no terreno do ‘não-dito’.

ALICE MELO: O senhor se lembra se alguém batia em você se fizesse alguma coisa errada?

ARGEMIRO SANTOS: Batia e não batia pouco não. Só com o chicotezinho. E tinha mais outra coisa... Se você errasse bem errado... Você já ouviu falar em tal de palmatória? Já mesmo? Como é que é a palmatória?

ALICE MELO: é uma vara com furos na ponta?

ARGEMIRO SANTOS: É assim redonda, dessa grossura, tem um bocado de furo. Vem aqui para dar um bolo... Pá! O cara berrava daqui no Japão. E tomava a quantidade de bolo, conforme o que fizesse da trapalhada. Tinha ali palmatória para todo mundo. Só não tinha palmatória para criança pequena. Mas foi adulto... E aquilo era de lascar, doía pra burro a ver. Pois é, quando foi bater, eu puxei, eu tava no joelho dele, pô, quase que mata à pau! É, tirei a mão fora, não era bobo! Bateu no joelho do velho lá... Mas tá bem.

ALICE MELO: Mas o que fizeram quando o senhor tirou a mão?

ARGEMIRO SANTOS: Ué, vai fazer o que? Botar de novo? Aí depois foi quando eu comecei a lutar boxe também...

ALICE MELO: Boxe? Ah é? Aprendeu aonde?

ARGEMIRO SANTOS: Aprendi no Rio já. Vim aqui, lutei com o campeão da Argentina.

Percebemos neste trecho um rompimento com a história narrada. Em um momento, seu Argemiro fala sobre o castigo físico, em outro, sobre quando aprendeu a lutar boxe, enfrentando, de igual para igual, o campeão da Argentina, fato que se deu mais de dez anos após o incidente na fazenda. Tentando não fazer uma análise superficial, parece que a troca abrupta do tema da conversa e o encobrimento explícito e de uma memória dolorosa – a da provável surra que deve ter levado ao fugir do castigo – sugerem a tentativa presente de se distanciar ainda mais da condição de vítima do passado. Ele, Argemiro Santos, para revidar no presente do opressor de outrora, se liga automaticamente à condição de sujeito forte, adulto, capaz de revidar aos maus tratos. E, surpreendentemente, quando narra uma situação na qual tomou parte ativa contra a opressão vivida, seja escapando do castigo ou aprendendo a lutar, assume a primeira pessoa do singular.

O corte não teria sido feito simplesmente porque esqueceu aquilo que ocorreu, mas sobretudo pela tentativa de afastamento de uma situação considerada vergonhosa para si diante não apenas de mim, a entrevistadora, mas também de seu filho e sua esposa, que também acompanhavam a conversa. Marujo, como é chamado na região, teve uma vida marcada por

vitórias, conquistas, momentos de coragem e enfrentamento de perigo. A volta à situação contrária ao que ele reconhece como elementos fundamentais de sua identidade atual é símbolo de um passado nem tão formidável assim. Motivo de vergonha e dor, razões pelas quais deve ser suprimido, ou, no máximo, narrado em terceira pessoa.

Como veremos adiante, um acontecimento marcante jamais é esquecido de fato. Ele permanece no indivíduo de forma latente, constituindo uma das várias faces da problemática do esquecimento.

MEMÓRIA E ESQUECIMENTO

Paul Ricoeur situa, em *A memória, a história, o esquecimento* (2010), o esquecimento como uma problemática de mesmo peso da memória e da história. A história é representância, uma narrativa que possui autoridade de trazer ao presente o passado, como realidade, e fazer dele objeto científico e de conhecimento. Existem, para o autor, três formas de se acessar o passado. A primeira seria o acesso por meio do calendário, o tempo apreendido pelo humano e organizado cronologicamente. A segunda seria o passado apreendido pela sequência de gerações. A terceira, os rastros, que podem ser de natureza tanto escrita e documental; ou psíquica e também cerebral.

Ao definir a memória como um fenômeno que privilegia o indivíduo, Ricoeur indica que a memória pode ser percebida como fenômeno social. Tal como já indicava Halbwachs, décadas antes. Mas, para entender a memória e seu meio de ação no indivíduo ou na sociedade, é necessário avaliar a dinâmica do esquecimento. Segundo ele, o esquecimento é sentido primeiramente como dano à confiabilidade da memória, a sombra que recai sobre o sujeito e ameaça sua consciência de si mesmo. Em uma sociedade em que a memória é supervalorizada e adquire características positivas, o esquecimento é enxergado como patologia. Apesar dessa conotação como danoso ou problemático à existência do sujeito ou do grupo social, é imperativo aos seres vivos.

Não se pode lembrar de tudo. E o esquecimento não é somente saudável à existência, como libertador e necessário. Ricoeur subdivide o tema em graus de profundidade. Na análise do esquecimento profundo, o autor confronta duas grandes figuras do esquecimento: o de reserva e o por apagamento de rastros, tomando como mais significativo o esquecimento de reserva à fenomenologia da memória. Para tanto, recorre às teorias psíquicas sobre o tema.

Em *Recordar, repetir e elaborar*, Freud indica que a memória não é apenas o ato suposto de lembrar, mas também é o recalçamento. O silêncio, a desarticulação e a ausência de consciência também são possibilidades de memória. Freud indica que há coisas que não podem ser lembradas, porque não se tornaram memória no momento passado do acontecimento. Mas, quanto aos fatos marcantes na vida de um sujeito, se não aparecem quando ativada a corrente de pensamento que naturalmente o levaria a lembrá-los, é porque estão encobertos por uma teia de outras lembranças.

Estes acontecimentos marcantes, em vez de virem à tona como lembrança, aparecem em forma de recalque, se manifestando no comportamento presente do sujeito como ações de repetição; e podem ser percebidos durante a transferência. Aqui, Freud se refere à transferência durante a análise, da relação entre paciente e terapeuta, mas esta situação de repetição de ações acontece também em outras instâncias da vida de um indivíduo e até no âmbito coletivo, do grupo social. O trauma permanece mesmo quando inacessível e a repetição é um sintoma do encobrimento das lembranças dolorosas, que impedem o indivíduo de elaborar o passado de forma consciente.

O fenômeno do esquecimento pode ser percebido por meio da linguagem. Já que é durante o ato de elocução que o indivíduo elabora sua experiência do tempo tornando o passado presente tendo o futuro como expectativa. Na construção de si, ou de um discurso unificado sobre si mesmo, o locutor se posiciona no mundo: em relação a ele e em relação aos outros. Os lapsos, as confusões, desajeitamentos e atos falhos da linguagem são indícios importantes da maneira como a memória é trabalhada. Freud observa que, conforme o sujeito vai tomando consciência do caminho a ser seguido para se chegar ao acontecimento traumático, ou encoberto, por meio da linguagem, seleciona ou não o que pode vir à tona.

E isso ocorre numa sessão de terapia, mas também numa entrevista jornalística, num depoimento de história oral ou mesmo em uma conversa informal que se trava na rua, quando o sujeito, por alguma razão, se vê diante da construção de sua identidade ao recuperar elementos passados da trajetória de vida.

Ricoeur faz questão de sublinhar, em *Tempo e narrativa* (2010), a identidade narrativa que une homens de um dado contexto. O autor reflete sobre as ferramentas que faziam a ligação entre o “tempo vivido” e o “tempo do mundo” e indica que a percepção da passagem do tempo e a representação do indivíduo ou do seu grupo no mundo só podem ocorrer através da narrativa. Nos grupos sociais, quem fala algo depende, para a sua aceitação ou compreensão, do que Ricoeur chama de “pacto de leitura”, um acordo não dito entre o narrador e ouvinte.

Quando *seu* Aloísio nega a existência da fazenda durante a conversa, ou quando *seu* Argemiro diz que nada aconteceu quando tirou a mão da mira da palmatória, pode-se perceber sutilezas que estão escondidas na articulação das ideias e, conseqüentemente, da seleção das palavras durante a elaboração da narrativa. Seu Aloísio, detentor de uma fala carregada de rancor e sofrimento escolhe negar, afastar as lembranças dolorosas no ato da fala. Argemiro, que teve uma vida muito diferente da do colega de quem também não se lembra, reconhece a situação desfavorável, mas logo se coloca em um lugar de vencedor, de um ser capaz de lutar contra as mazelas da vida.

Noa-se também que Argemiro Santos, aos 88 anos, pode não recordar de fato de alguns acontecimentos da adolescência. Mas o andamento da conversa e as ligações que foi fazendo ao longo dela para escavar até os pontos mais profundos da memória indicam que os lapsos, ao contrário do que ele afirma, são provocados pelo excesso de lembrança e não por sua ausência.

MEMÓRIA E IDENTIDADE

Os silêncios no discurso de *seu* Aloísio e também uma estruturação quase linear de suas memórias se diferem da forma como *seu* Argemiro narra a história sobre si mesmo. A constante procura de seu Aloísio por jornalistas e pesquisadores pelo fato de ter permanecido por mais tempo na região das fazendas e ter sido o primeiro a falar espontaneamente sobre o ocorrido pode ter feito com que ele cristalizasse determinadas lembranças e, inclusive, determinadas formas de narra-las. Se levarmos em consideração o “pacto do não dito” de que falava Ricoeur, podemos entender que seu Aloísio, ao ter o costume de falar sobre si, ainda que o faça com reservas, sabe em geral o que o outro quer ouvir. Na maioria dos casos, percebe-se que o interesse do outro é a respeito de informações factuais que podem ser ditas pelo entrevistado a respeito do passado e não a maneira como ele constrói a si no presente. É a negociação entre as partes para que a narrativa seja compreendida. O entrevistador, dono também de uma posição de autoridade no encontro da conversa, tem expectativas pré-definidas e tenta arrancá-las do entrevistado que, por sua vez, quer ser ouvido e quer ser respeitado enquanto fonte do acontecimento.

Uma pergunta chama a atenção na primeira conversa entre Aloísio Silva e o pesquisador Sidney Aguilar Filho (2009): “O senhor foi escravizado?”. Nesta entrevista é interessante reparar que a fala de Seu Aloísio é irregular e o pesquisador tenta reconstruir com ele um passado aflito e extrair dali uma narrativa linear. A menção ao termo “escravidão” surge justamente na construção da lembrança, no momento presente de elaboração de uma lógica

sobre a experiência do passado e ali, mesmo que seu Aloísio nunca tenha se definido como escravo, a condição é induzida pelo pesquisador e depois passa a figurar em seu vocabulário, se analisarmos as entrevistas posteriores:

SIDNEY AGUILAR FILHO: A pergunta é o seguinte: O senhor foi escravizado?

ALOYSIO SILVA: A lei da escravidão, naquele tempo...

SIDNEY AGUILAR FILHO: O que eu estou chamando de escravidão: o senhor trabalhou sem receber e se o senhor se negasse a trabalhar tinha castigo?

ALOYSIO SILVA: Tinha castigo.

SIDNEY AGUILAR FILHO: Se o senhor tivesse que nomear quem são os responsáveis por essa injustiça, quem que o senhor... Quem foram os... Os culpados?

ALOYSIO SILVA: De certo eu não posso responde pro senhor que eu num...

SIDNEY AGUILAR FILHO: O senhor num...

ALOYSIO SILVA: Num lembro de nada disso.

SIDNEY AGUILAR FILHO: Mas desses que o senhor se lembra, se o senhor tivesse que escolher um deles, seria o Osvaldo, é isso?

ALOYSIO SILVA: O Rocha Miranda, é esse... (AGUILAR FILHO, 2011, p.352)

No trecho, o pesquisador parece querer retirar do entrevistado uma confirmação de sua tese e não leva em consideração a maneira como Aloísio Silva quer se colocar com relação à situação passada. Quando entrevistei *seu* Aloísio três anos depois, não perguntei sobre escravidão, mas assim que toquei no assunto “castigo” ou “salário”, ele logo falou “era tempo de escravidão”, apesar de não se definir enquanto escravo. Identidade, aliás, atribuída a ele em quase todas as matérias jornalísticas já feitas a seu respeito⁶.

O entrevistador, no caso citado, guiou o entrevistado, forjando uma narrativa a partir das suas próprias expectativas, e não a partir da memória do seu Aloísio. Situação que tentei evitar durante minha conversa com ele, na qual tentei perceber os caminhos escolhidos pelo próprio entrevistado para a reconstrução da sua identidade através da narrativa sobre si mesmo.

A memória é inconstante, feita no presente, a partir de diferentes estímulos, capaz também de se fixar em pontos de referência os quais sustentam a identidade unificada de um sujeito. Perceber a maneira como o entrevistado constrói a si mesmo ao evocar determinadas lembranças do passado, driblando ou não as memórias encobridoras que induzem ao esquecimento de reserva; e também levando em conta a interferência de quem ouve, ou conduz a entrevista nesse processo, parece um caminho mais interessante. Mais do que fonte de uma reportagem ou de uma pesquisa, o protagonista da conversa é sujeito de sua própria história. E, por mais que se tente extrair uma narrativa linear e a partir do que é dito por ele, imagino que seja mais coerente que esta história seja a história de quem conta, naquele momento, a experiência de uma vida, a versão de um fato ou a impressão que tem de si mesmo – diante do *eu* e diante do outro.

NOTAS

- ¹ O episódio foi revelado pela tese de doutorado de Sidney Aguilar Filho (Unicamp, 2011) e reapurada pelo autora deste trabalho na reportagem 'Entre a suástica e a palmatória', publicada na Revista de História da Biblioteca Nacional, em janeiro de 2013.
- ² Entrevista foi objeto de reportagem que virou documentário. Assistir [aqui](#).
- ³ Aloísio Silva em depoimento à autora deste trabalho, em novembro de 2012.
- ⁴ Ver reportagem já citada.
- ⁵ Argemiro Santos em entrevista à autora deste trabalho, em novembro de 2012.
- ⁶ A legenda é referente à reportagem realizada pela TV Record, no programa Balanço Geral SP, que foi ao ar em 26 de novembro de 2012, disponível no site da emissora: <http://www.r7.com..>

REFERÊNCIAS

- AGUILAR FILHO, Sidney. **Educação, autoritarismo e eugenia: exploração do trabalho e violência à infância desamparada no Brasil (1930-1945)**. Campinas, SP: [s.n.], 2011. Tese de doutorado.
- BENVENISTE, E. **Problemas de linguística general**. Barcelona. Siglo Ventiuno, 1971.
- LOWENTHAL, David. Como conhecemos o passado. In: **Estudos Históricos**. São Paulo, n.12, nov. 1998. p.63-181.
- FREUD, Sigmund. Recordar, repetir, elaborar. In: **Obras Completas**, v. XII, p. 193-203, 1914. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1997.
- FREUD, Sigmund. Lembranças encobridoras. [1899]. In: FREUD, Sigmund. **Edição Eletrônica de Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2012.
- HUYSSSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória**. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, Universidade Cândido Mendes, Museu de Arte Moderna Rj, 2000.
- MELO, Alice. Entre a suástica e a palmatória. **Revista de História da Biblioteca Nacional**. Rio de Janeiro, janeiro de 2013. p.16-23.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol.2, n.3, 1989, p.3-15.
- POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v .5, n.10, 1992, p.200-2012.
- RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. São Paulo: Editora Unicamp, 2010.
- RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa: o tempo narrado**.